

Angra dos Reis, 25 de março de 2018.
+ Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor

Intenção do mês de Abril – 2018.

Amados(as) Filhos(as),

Graça e Paz!

Vivendo o *Ano Nacional do Laicato*, iluminados pelo anúncio da *Boa Nova da Ressurreição*, queremos fazer uma reflexão sobre a Pastoral na conjuntura atual, com ênfase no protagonismo dos Cristãos Leigos e Leigas.

O horizonte de toda a ação pastoral é o Reino de Deus. O apelo do papa Francisco para que a Igreja se torne uma “Igreja em saída” é insistência constante. O apelo existe porque a realidade insiste. O Reino de Deus “não só descentra a Igreja de si mesma, como a situa de modo diferente no mundo e reivindica uma nova ação evangelizadora, diante da concepção tradicional de missão”.

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil apresentam as quatro exigências intrínsecas da evangelização: *o serviço, o diálogo, o anúncio e o testemunho de comunhão*. O assumir dessas exigências possibilita o emergir de uma “Igreja em saída”.

O serviço é exigência samaritana. O papa Francisco denuncia a “cultura da indiferença” e proclama a “cultura do encontro”. Serviço tanto como assistência emergencial de prestação de socorro ao indivíduo machucado quanto, e sobretudo, presença ativa nos movimentos de transformação social.

O diálogo é exigência bíblica que, na cultura pluralista contemporânea, se torna imprescindível. Onde qualquer tentativa de hegemonia se impõe, o encontro está fadado ao fracasso. Constata-se um preconceituoso e defensivo fechamento eclesial às novas pautas do mundo contemporâneo: questões de gênero e sexualidade, fundamentalismo religioso, laicidade do Estado, diálogo ecumênico, fé e política, teologia feminista, fé e razão, etc.

O anúncio se origina do núcleo fundamental do Evangelho: “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado”. O papa Francisco retoma o objetivo da convocação do Concílio Vaticano II: “a Igreja, no passado, sempre se opôs aos erros e os condenou com grande severidade. Em face das necessidades atuais, julga mais conveniente elucidar melhor sua doutrina do que condenar os que dela se afastam”. O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos.

O testemunho de comunhão inexistente se a Pastoral não for uma “pastoral de conjunto” – ação de todo o corpo eclesial. Uma Igreja testemunha comunhão quando cerca de cuidados e valoriza as seguintes realidades: os conselhos pastorais; a coordenação paroquial de pastoral; as assembleias pastorais; as escolhas de prioridades pastorais; os serviços, os carismas e os diversos ministérios; as equipes pastorais e suas coordenações; a formação de agentes pastorais leigos; a liturgia participativa; a bíblica partilha dos recursos econômicos; a efetiva opção preferencial pelos pobres.

Por isso, um grupo religioso inserido na realidade humana nunca é neutro nas opções que faz na “disputa do pensamento” em relação ao seu projeto de evangelização. “Disputa do pensamento” tornou-se expressão de atualíssima relevância numa sociedade como a brasileira, polarizada entre os que vestem a camisa “verde-amarela” e os que vestem a camisa “vermelha”. Reduzidas à bipolaridade raivosa, as massas se definem antipolíticas.

Assim, a opção pastoral de uma Igreja comprometida não busca simplesmente “disputar o pensamento” das massas. Antes, visa formar um povo consciente das opções de Jesus em vista da construção do Reino de Deus. A Igreja em tempo de crise prioriza resgatar suas propostas pastorais e eclesiais diante dos desafios da atual “mudança de época”.

O tempo de crise é ambivalente: impõe a crise como limite à ação pastoral (já não há nada que fazer) ou propulsiona a ação pastoral na direção profética: para além da imposição de todo limite, há um horizonte de novas possibilidades.

A exortação apostólica *A Alegria do Evangelho* contém o que o papa Francisco espera e quer da Igreja, ela mesma imersa, tanto quanto a humanidade, num tempo de crise. Assume-se e elabora-se uma Pastoral em tempo de crise com o “bom humor” dos que não se desesperam diante das catástrofes. Essas pessoas oferecem ao mundo em crise a fé dos simples, a militância dos inconformados, a persistência dos sonhadores, a lucidez dos sábios e a esperança dos santos.

Ecoem, pois, os sete apelos do papa Francisco para uma mística pastoral sustentada pela espiritualidade em tempos de crise:

- tentados por uma vida espiritual recolhida em “momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros”, afirmemos: “*não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário!*”;
- tentados a “fugir de qualquer compromisso que nos possa roubar o tempo livre”, afirmemos: “*não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!*”;
- quando tomados pelo abatimento do pessimismo estéril, afirmemos: “*não deixemos que nos roubem a esperança!*”;
- se atitudes defensivas se tornarem argumento para “escaparmos dos outros na privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, numa renúncia ao realismo da dimensão social do evangelho”, afirmemos: “*não deixemos que nos roubem a comunidade!*”;



- quando dominados pela hipocrisia religiosa, como mestres espirituais e peritos de pastoral que dão instruções “ficando de fora” afirmemos: “*não deixemos que nos roubem o evangelho!*”;
- quando o “espírito de contenda” provocar divisões na comunidade por causa da “busca pelo poder, prestígio, prazer ou segurança econômica”, afirmemos: “*não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!*”;
- quando não levamos em consideração o protagonismo dos leigos na evangelização; a contribuição da mulher na sociedade e na Igreja; as reivindicações dos jovens e sua linguagem, que questionam as estruturas ordinárias da Pastoral; afirmemos: “*não deixemos que nos roubem a força missionária!*”;

A Pastoral em tempo de crise espera por agentes mais dispostos a gerar processos na gestação de um tempo novo do que desejosos de ocupar espaços de poder. Essa Pastoral supõe a paciência histórica do semeador, que espera os frutos da semente (cf. Mc 4,26-29), e, ao mesmo tempo, impacienta-se, tendo em si o ímpeto dos profetas prontos a lançar fogo sobre a terra no desejo de que já estivesse aceso (cf. Lc 12,49).

Frei Betto afirma: “frente a tão nefasta conjuntura, associada à crescente violência (homicídios, assaltos, drogas), a nação reage com indignação (em conversas e redes digitais) e apatia (nas ruas e movimentos sociais). A indignação se manifesta em expressões de ódio e desprezo; a apatia, na sensação de que é inútil protestar nas ruas, já que se tirou um governo ruim pra dar lugar a outro pior...”.

É tempo de semear, sem a expectativa de, um dia, poder sentar-se à sombra da árvore. Pastoral em tempo de crise: limite ou profecia?

Portanto, que possamos cheios de esperança profética, como Igreja em saída, rezemos: ***pelo maior comprometimento de todos nós em anunciar “A Alegria do Evangelho”.***

Certos do engajamento e da fidelidade orantede todos, com paterna solícitude, desejando uma Santa Páscoa, subscrevemo-nos com a nossa bênção e orações, recomendando-nos às vossas.

Fraternalmente, em Cristo Jesus,

pe.gilberto stanisce